

6

Sociologia alemã: a contribuição de Max Weber

Introdução

França e Inglaterra desenvolveram o pensamento social sob a influência do desenvolvimento industrial e urbano, que tornou esses países potências emergentes nos séculos XVII e XVIII e sedes do pensamento burguês da Europa. A indústria e a expansão marítima e comercial colocaram esses países em contato com outras culturas e outras sociedades, obrigando seus pensadores a um esforço interpretativo da diversidade social. O sucesso alcançado pelas ciências físicas e biológicas, impulsionadas pela indústria e pelo desenvolvimento tecnológico, fizeram com que as primeiras escolas sociológicas fossem fortemente influenciadas pela adaptação dos princípios e da metodologia dessas ciências à realidade social.

Na Alemanha, entretanto, a realidade é distinta. O pensamento burguês se organiza tardiamente e quando o faz, já no século XIX, é sob influência de outras correntes filosóficas e da sistematização de outras ciências humanas, como a história e a antropologia.

A expansão econômica alemã se dá, por outro lado, numa época de capitalismo concorrencial, no qual os países disputam com unhas e dentes os mercados mundiais, submetendo a seu imperialismo as mais diferentes culturas, o que torna a especificidade das formações sociais uma evidência e um conceito de maior importância.

A Alemanha se unifica e se organiza como Estado nacional mais tardiamente que o conjunto das nações européias, o que atrasa seu ingresso na corrida industrial e imperialista iniciada na segunda metade do século XIX. Esse descompasso estimulou no país o interesse pela história como ciência da integração, da memória e do nacionalismo. Por tudo isso, o pensamento alemão se volta para a diversidade, enquanto o francês e o inglês, para a universalidade.

Weber não era apenas um homem de ciência. Desde cedo, ele pensava em seguir uma carreira política. Seu interesse pela coisa pública o leva a refletir sobre as relações entre as ações científicas e políticas. Nas conferências que dá em 1918, na Universidade de Munique, sobre a profissão e a vocação do homem de ciências e do homem público (*Geistige Arbeit als Beruf*, 1919), ele se declara a favor de uma clara cisão entre os dois tipos de atividade e procura, para tanto, separar ciência de opinião.

ALLEMANT, Michael. *História das idéias sociológicas*, op. cit., p. 262.

Devemos distinguir no pensamento alemão, portanto, a preocupação com o estudo da diferença, característica de sua formação política e de seu desenvolvimento econômico. Adicione-se a isso a herança puritana com seu apego à interpretação das escrituras e livros sagrados. Essa associação entre história, esforço interpretativo e facilidade em discernir diferenças caracterizou o pensamento alemão e influenciou muitos cientistas, de Gabriel de Tarde a Ferdinand Tönnies.

Mas foi Max Weber o grande sistematizador da sociologia na Alemanha.

Jean-Gabriel de Tarde (1843-1904)

Nasceu em Sarlat, França, de uma família de origem nobre.

Iniciou os seus estudos em Sarlat, obtendo um bacharelado em letras. Depois estudou direito em Toulouse, terminando o curso em Paris. Iniciou a sua carreira no judiciário como secretário-assistente até chegar a juiz de instrução. Especializou-se em pesquisa na criminologia, uma ciência nova desenvolvi-

da pela escola antropológica italiana, no final do século XIX.

Polemizou muito com Durkheim a respeito da definição de sociologia e do método de trabalho. Ele defendia uma sociologia feita a partir do comportamento e das ações do indivíduo, sustentando assim a análise social da subjetividade, como da relação entre emoção e sociedade.

Ferdinand Tönnies (1855-1936)

Nasceu em Oldenswort, uma pequena província do ducado de Hannover, atual Alemanha, no seio de uma família camponesa. Ele estudou em várias universidades alemãs até concluir o curso de ciências sociais na cidade de Tübingen.

Por ser considerado um social-democrata pelo governo prussiano, ele não pôde assumir um cargo de professor na universidade de Kiel, após se formar. Só obteve o cargo em 1913. Em 1933, por conta das críticas que fez aos nazistas em ascensão, foi por eles posto para fora da universidade.

Tönnies contribuiu em muitas áreas da sociologia e da filosofia. Muitos dos seus escritos, principalmente *Il suo capo*, *lavoro Comunità* e *Societade*, deram um amplo alcance à análise sociológica. Ele teve um papel de destaque na contribuição aos estudos das mudanças sociais, particularmente sobre a opinião pública, dos costumes e da tecnologia, do crime e do suicídio. O mesmo interesse ele mostrou pela metodologia, desenvolvendo seu próprio método. Sua principal obra foi *Comunità e societade*, até hoje um marco da análise das diferenças entre os modos de vida rural e urbano.

A sociedade sob uma perspectiva histórica

O contraste entre o positivismo e o idealismo se expressa, entre outros elementos, nas maneiras diferentes como cada uma dessas correntes encara a história.

Para o positivismo, a história é o processo universal de evolução da humanidade, cujos estágios o cientista pode perceber pelo método comparativo, capaz de aproximar sociedades humanas de todos os tempos e lugares. A história particular de cada sociedade desaparece, diluída nessa lei geral que os pensadores positivistas tentaram reconstruir. Essa forma de pensar torna insignificantes as particularidades históricas, e as individualidades são dissolvidas em meio a forças sociais impositivas.

Ao definir o que é uma espécie social, Durkheim, em nota de pé de página de seu livro *As regras do método sociológico*, alerta para que não se confunda uma espécie social com as fases históricas pelas quais ela passa. Diz ele:

Desde suas origens, passou a França por formas de civilização muito diferentes: começou por ser agrícola, passou em seguida pelo artesanato e pelo pequeno comércio, depois pela manufatura e, finalmente, chegou à grande indústria. Ora, é impossível admitir que uma mesma individualidade coletiva possa mudar de espécie três ou quatro vezes. Uma espécie deve definir-se por caracteres mais constantes. O estado econômico tecnológico etc. apresenta fenômenos por demais instáveis e complexos para fornecer a base para uma classificação.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*, op. cit. p. 82.

Fica claro que essa posição anula a importância dos processos históricos particulares, valorizando apenas a lei da evolução, a generalização e a comparação entre formações sociais.

Max Weber, figura dominante na sociologia alemã, com formação histórica consistente, se oporá a essa concepção. Para ele, a pesquisa histórica é essencial para a compreensão das sociedades. Essa pesquisa, baseada na coleta de documentos e no esforço interpretativo das fontes, permite o entendimento das diferenças sociais, que seriam, para Weber, de gênese e formação, e não de estágios de evolução.

Portanto, segundo a perspectiva de Weber, o caráter particular e específico de cada formação social e histórica deve ser respeitado. O conhecimento histórico, entendido como a busca de evidências, torna-se um poderoso instrumento para o cientista social.

Weber consegue combinar duas perspectivas: a histórica, que respeita as particularidades de cada sociedade, e a sociológica, que ressalta os elementos mais gerais de cada fase do processo histórico. Na obra *As causas sociais do declínio da cultura antiga*, por exemplo, Weber analisou, com base em textos e documentos, as transformações da sociedade romana em função da utilização da mão-de-obra escrava e do servo de gleba, mostrando a passagem da Antiguidade para a sociedade medieval.

Uma das diferenças existentes entre o positivismo e o idealismo é a importância que o segundo dá à história.

Weber conseguiu desenvolver a perspectiva histórica e sociológica.

Weber, entretanto, não achava que uma sucessão de fatos históricos fizesse sentido por si mesma. Para ele, todo historiador trabalha com dados esparsos e fragmentários. Por isso, propunha para suas análises o método compreensivo, isto é, um esforço interpretativo do passado e de sua repercussão nas características peculiares das sociedades contemporâneas. Essa atitude de compreensão é que permite ao cientista atribuir aos fatos esparsos um sentido social e histórico.

Max Weber, um dos principais expoentes da sociologia alemã.



Max Weber
(1864-1920)

Max Weber nasceu na cidade de Erfurt (Alemanha), numa família de burgueses liberais. Desenvolveu estudos de direito, filosofia, história e sociologia, constantemente interrompidos por uma doença que o acompanhou por toda a vida. Iniciou a carreira de professor em Berlim e, em 1895, foi catedrático na universidade de Heidelberg. Manteve contato permanente com intelectuais de sua época, como Simmel, Sombart, Tönnies e Georg Lukács. Na política, defendeu ardorosamente seus pontos de vista liberais e parlamentaristas e participou da comissão de elaboração da Constituição da República de Weimar. Sua maior influência nos ramos especializados da sociologia foi no estudo das religiões, estabelecendo relações entre formações políticas e crenças religiosas. Suas principais obras foram: *Artigos reunidos de teoria da ciência econômica e sociedade* (obra póstuma) e *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

A ação social: uma ação com sentido

Cada formação social adquiriu, para Weber, especificidade e importância próprias. Mas o ponto de partida da sociologia de Weber não estava nas entidades coletivas, grupos ou instituições. Seu objeto de investigação é a ação social, a conduta humana dotada de sentido, isto é, de uma justificativa subjetivamente elaborada. Assim, o homem passou a ter, como indivíduo, na teoria weberiana, significado e especificidade. É o agente social que dá sentido à sua ação: estabelece a conexão entre o motivo da ação, a ação propriamente dita e seus efeitos.

Para a sociologia positivista, a ordem social submete os indivíduos como força exterior a eles. Para Weber, ao contrário, não existe oposição entre indivíduo e sociedade: as normas sociais só se tornam concretas quando se manifestam em cada indivíduo sob a forma de motivação. Cada sujeito age levado por um motivo que é dado pela tradição, por interesses racionais ou pela emotividade. O motivo que

transparece na ação social permite desvendar o seu sentido, que é social na medida em que cada indivíduo age levando em conta a resposta ou a reação de outros indivíduos.

Para Weber, a tarefa do cientista é descobrir os possíveis sentidos das ações humanas presentes na realidade social que lhe interessa estudar. O sentido, por um lado, é expressão da motivação individual, formulado expressamente pelo agente ou implícito em sua conduta. O caráter social da ação individual decorre, segundo Weber, da interdependência dos indivíduos. Um ator age sempre em função de sua motivação e da consciência de agir em relação a outros atores. Por outro lado, a ação social gera efeitos sobre a realidade em que ocorre. Tais efeitos escapam, muitas vezes, ao controle e à previsão do agente.

Ao cientista compete captar, pois, o sentido produzido pelos diversos agentes em todas as suas consequências. As conexões que se estabelecem entre motivos e ações sociais revelam as diversas instâncias da ação social — políticas, econômicas ou religiosas. O cientista pode, portanto, descobrir o nexo entre as várias etapas em que se decompõe a ação social. Por exemplo, o simples ato de enviar uma carta é composto de uma série de ações sociais com sentido — escrever, selar, enviar e receber —, que terminam por realizar um objetivo. Por outro lado, muitos agentes ou atores estão relacionados a essa ação social — o atendente, o carteiro etc. Essa interdependência entre os sentidos das diversas ações — mesmo que orientadas por motivos diversos — é que dá a esse conjunto de ações seu caráter social.

É o indivíduo que, por meio dos valores sociais e de sua motivação, produz o sentido da ação social. Isso não significa que cada sujeito possa prever com certeza todas as consequências de determinada ação. Como dissemos, cabe ao cientista perceber isso. Não significa também que a análise sociológica se confunda com a análise psicológica. Por mais individual que seja o sentido da minha ação, o fato de agir levando em consideração o outro dá um caráter social a toda ação humana. Assim, o social só se manifesta em indivíduos, expressando-se sob forma de motivação interna e pessoal.

Por outro lado, Weber distingue a ação da relação social. Para que se estabeleça uma relação social é preciso que o sentido seja compartilhado. Por exemplo, um sujeito que pede uma informação a outro estabelece uma ação social: ele tem um motivo e age em relação a outro indivíduo, mas tal motivo não é compartilhado. Numa sala de aula, em que o objetivo da ação dos vários sujeitos é compartilhado, existe uma relação social.

Pela frequência com que certas ações sociais se manifestam, o cientista pode conceber as tendências gerais que levam os indivíduos, em dada sociedade, a agir de determinado modo.

Segundo

Weber cada indivíduo age levado por motivos que resultam da tradição, dos interesses racionais e da emotividade.

A tarefa do cientista

Weber rejeita a maioria das proposições positivistas: o evolucionismo, a exterioridade do cientista social em relação ao objeto de estudo e a recusa em aceitar a importância dos indivíduos e dos diferentes momentos históricos na análise da sociedade. Para esse sociólogo, o cientista, como todo indivíduo em ação, também age guiado por seus motivos, sua cultura e suas tradições, sendo impossível descartar-se de suas prenoções como propunha Durkheim. Existe sempre certa parcialidade na análise sociológica, intrínseca à pesquisa, como a toda forma de conhecimento. As preocupações do cientista orientam a seleção e a relação entre os elementos da realidade a ser analisada. Os fatos sociais não são coisas, mas acontecimentos que o cientista percebe e cujas causas procura desvendar. A neutralidade durkheimiana se torna impossível nessa visão.

Entretanto, uma vez iniciado o estudo, este deve se conduzir pela busca da maior objetividade na análise dos acontecimentos. A realização da tarefa científica não deveria ser dificultada pela defesa das crenças e das idéias pessoais do cientista.

Portanto, para a sociologia weberiana, os acontecimentos que integram o social têm origem nos indivíduos. O cientista parte de uma preocupação com significado subjetivo, tanto para ele como para os demais indivíduos que compõem a sociedade. Sua meta é compreender, buscar os nexos causais que dêem o sentido da ação social.

Explicar um fenômeno social supõe sempre que se dê conta das ações individuais que o compõem. Mas que é "dar conta" de uma ação? Pode-se continuar seguindo Weber nesse ponto. Dar conta de uma ação, diz ele, é "compreendê-la" (Verstehen). O que significa que o sociólogo deve poder ser capaz de colocar-se no lugar dos agentes por quem ele se interessa.

BOUDON, R. e BOURBAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993, p. 4.

Qualquer que seja a perspectiva adotada pelo cientista, ela sempre resultará numa explicação parcial da realidade. Um mesmo acontecimento pode ter causas econômicas, políticas e religiosas, sem que nenhuma dessas causas seja superior à outra em significância. Todas elas compõem um conjunto de aspectos da realidade que se manifesta, necessariamente, nos atos individuais. O que garante a cientificidade de uma explicação é o método de reflexão, não a objetividade pura dos fatos. Weber relembra que, embora os acontecimentos sociais possam ser quantificáveis, a análise do social envolve sempre uma questão de qualidade, interpretação, subjetividade e compreensão. Assim, para entender como a ética protestante interferia no desenvolvimento do capitalismo, Weber analisou os livros sagrados e interpretou os dogmas de fé do protestantismo. A compreensão da relação entre valor e ação permitiu-lhe entender a relação entre religião e economia.

Weber dizia

que o cientista, como todo indivíduo em ação, age guiado por seus motivos, sua cultura, sua tradição.

A tarefa do cientista, para Weber, era descobrir os possíveis sentidos da ação humana.

Qualquer que

seja a perspectiva adotada por um cientista, ela será sempre parcial.

O tipo ideal

Para atingir a explicação dos fatos sociais, Weber propôs um instrumento de análise que chamou de "tipo ideal". Assim, por exemplo, em *As causas sociais do declínio da cultura antiga*, ele procura entender o que teria sido o patricio romano no auge do império, o aristocrata dono de terras que constituía a elite política e econômica de Roma:

O tipo do grande proprietário de terra romano não é o do agricultor que dirige pessoalmente a empresa, mas é o homem que vive na cidade, pratica a política e quer, antes de tudo, perceber rendas em dinheiro. A gestão de suas terras está nas mãos dos servos inspetores (villici).

WEBER, Max. *As causas sociais do declínio da cultura antiga*. In: COHN, Gabriel (org.). *Sociologia*. São Paulo: Alca, 1979.

Trata-se de uma construção teórica abstrata a partir dos casos particulares analisados. O cientista, pelo estudo sistemático das diversas manifestações particulares, constrói um modelo acentuando aquilo que lhe parece característico ou fundante. Nenhum dos exemplos representará de forma perfeita e acabada o tipo ideal, mas manterá com ele uma grande semelhança e afinidade, permitindo comparações e a percepção de semelhanças e diferenças. Construiu-se em um trabalho teórico indutivo que tem por objetivo sintetizar aquilo que é essencial na diversidade das manifestações da vida social, permitindo a identificação de exemplares em diferentes tempos e lugares.

O tipo ideal não é um modelo perfeito a ser buscado pelas formas sociais históricas nem mesmo em qualquer realidade observável. É um instrumento de análise científica, numa construção do pensamento que permite conceituar fenômenos e formações sociais e identificar na realidade observada suas manifestações. Permite ainda comparar tais manifestações.

É preciso deixar claro que o tipo ideal nada tem a ver com as espécies sociais de Durkheim, que pretendiam ser exemplos de sociedades observadas em diferentes graus de complexidade num *continuum* evolutivo.

O tipo ideal.

O tipo ideal de Max Weber corresponde em que dado fenômeno possa ter ocorrido. À medida que o fenômeno se aproxima dos conceitos sociológicos, construídos inicialmente, o sociólogo pode identificar e selecionar aspectos que tenham interesse à exploração da realidade. O conceito ou tipo ideal, é previamente construído e testado, depois aplicado a diferentes situações típicas: "capitalismo" e "feudalismo".

A ética protestante e o espírito do capitalismo

Um dos trabalhos mais conhecidos e importantes de Weber é *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, no qual ele relaciona o papel do protestantismo na formação do comportamento típico do capitalismo ocidental moderno.

Weber parte de dados estatísticos que lhe mostraram a proeminência de adeptos da Reforma Protestante entre os grandes homens de negócios, empresários bem-sucedidos e mão-de-obra qualificada. A partir daí, procura estabelecer conexões entre a doutrina e a pregação protestante, seus efeitos no comportamento dos indivíduos e sobre o desenvolvimento capitalista.

Weber descobre que os valores do protestantismo — como a disciplina ascética, a poupança, a austeridade, a vocação, o dever e a propensão ao trabalho — atuavam de maneira decisiva sobre os indivíduos. No seio das famílias protestantes, os filhos eram criados para o ensino especializado e para o trabalho fabril, optando sempre por atividades mais adequadas à obtenção do lucro, preferindo o cálculo e os estudos técnicos ao estudo humanístico. Weber mostra a formação de uma nova mentalidade, um ethos — conjunto dos costumes e hábitos fundamentais — propício ao capitalismo, em flagrante oposição ao "alheamento" e à atitude contemplativa do catolicismo, voltado para a oração, sacrifício e renúncia da vida prática.

Um dos aspectos importantes desse trabalho, no seu sentido teórico, está em expor as relações entre religião e sociedade e desvendar particularidades do capitalismo. Além disso, nessa obra, podemos ver de que maneira Weber aplica seus conceitos e posturas metodológicas.

Alguns dos principais aspectos da análise:

1. A relação entre a religião e a sociedade não se dá por meios institucionais, mas por intermédio de valores introjetados nos indivíduos e transformados em motivos da ação social. A motivação do protestante, segundo Weber, é o trabalho, enquanto dever e vocação, como um fim absoluto em si mesmo, e não o ganho material obtido por meio dele.
2. O motivo que mobiliza internamente os indivíduos é consciente. Entretanto, os atos individuais vão além das metas propostas e aceitas por eles. Buscando sair-se bem na profissão, mostrando sua própria virtude e voca-

Nessa pintura holandesa podemos perceber a valorização do trabalho, própria da ética protestante analisada por Weber. O vendedor de peixes, pintura de Adrien Van Ostade, de 1672.



MUSEU DE ARTE, BUDAPESTE

ção e renunciando aos prazeres materiais, o protestante puritano se adapta facilmente ao mercado de trabalho, acumula capital e o reinveste produtivamente.

3. Ao cientista cabe, segundo Weber, estabelecer conexões entre a motivação dos indivíduos e os efeitos de sua ação no meio social. Procedendo assim, Weber analisa os valores do catolicismo e do protestantismo, mostrando que os últimos revelam a tendência ao racionalismo econômico, base da ação capitalista.

4. Para constituir o tipo ideal de capitalismo ocidental moderno, Weber estuda as diversas características das atividades econômicas em várias épocas e lugares, antes e após o surgimento das atividades mercantis e da indústria. E, conforme seus preceitos, constrói um tipo gradualmente estruturado a partir de suas manifestações particulares tomadas à realidade histórica. Assim, diz ser o capitalismo, na sua forma típica, uma organização econômica racional assentada no trabalho livre e orientada para um mercado real, não para a mera especulação ou rapinagem. O capitalismo promove a separação entre empresa e residência, a utilização técnica de conhecimentos científicos e o surgimento do direito e da administração racionalizados.

Análise histórica e método compreensivo

Weber teve uma contribuição importantíssima para o desenvolvimento da sociologia. Em meio a uma tradição filosófica peculiar, a alemã, e vivendo os problemas de seu país, diversos dos da França e da Inglaterra na mesma época, pôde trazer uma nova visão, não influenciada pelos ideais políticos nem pelo racionalismo positivista de origem anglo-francesa.

Sua contribuição para a sociologia tornou-o referência obrigatória. Mostrou, em seus estudos, a fecundidade da análise histórica e da compreensão qualificativa dos processos históricos e sociais.

Embora polémicos, seus trabalhos abriram as portas para as particularidades históricas das sociedades e para a descoberta do papel da subjetividade na ação e na pesquisa social. Weber desenvolveu suas análises de forma mais independente das ciências exatas e naturais. Foi capaz de compreender a especificidade das ciências humanas como aquelas que estudam o homem como um ser diferente dos demais e, portanto, sujeito a leis de ação e comportamento próprios.

Outra novidade do pensamento weberiano no desenvolvimento da sociologia foi a idéia do indeterminismo histórico. Ao contrário de seus predecessores, ele não admitia nenhuma lei preexistente que regulasse o desenvolvimento da sociedade ou a sucessão de tipos de organização social. Isso permitiu que ele se aprofundasse no estudo das particularidades, procurando entender as formações sociais em

suas singularidades, especialmente a jovem nação alemã que ele via despontar como potência. Nesse sentido, contribuiu também para a formação de um pensamento alemão, crítico, histórico e consoante com sua época.

Outros sociólogos alemães puseram em prática o método compreensivo de Weber, como Sombart, igualmente um estudioso do capitalismo ocidental. Weber desenvolveu também trabalhos na área de história econômica, buscando as leis de desenvolvimento das sociedades. Estudou ainda, com base em fontes históricas, as relações entre o meio urbano e o agrário e o acúmulo de capital auferido pelas cidades por meio dessas relações.

Atividades

Compreensão de texto

- 1 Elabore um quadro que compare as definições de Weber e Durkheim em relação a função da sociologia, fato social, ação social, relação social, instrumentos de análise, neutralidade do cientista, indivíduo e sociedade.
- 2 Identifique as duas concepções de história que estão presentes no texto, uma referente ao positivismo de Durkheim e a outra ao idealismo de Weber (também chamado de escola existencialista).
- 3 O que é método compreensivo?

Interpretação, problematização e pesquisa

[Os trechos de autoria de Weber, selecionados para as questões seguintes, foram extraídos da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.]

- 4 Nas seguintes afirmações de Weber percebemos de que modo a motivação para a ação é algo sentido pelo sujeito sob o forma de valores e modelos de conduta. Analise-as segundo essa perspectiva.

a) "A oportunidade de ganhar mais era menos atrativa do que a de trabalhar menos. Ele não perguntava: quanto posso ganhar por dia se trabalhar tanto quanto possível, mas: quanto devo trabalhar a fim de ganhar o salário que ganhava anteriormente e que era suficiente para minhas necessidades." (p. 38)

b) "Na verdade, esta idéia peculiar do dever profissional, tão familiar a nós hoje, mas, na realidade, tão pouco evidente, é a maior característica da 'ética social' da cultura capitalista e, em certo sentido, sua base fundamental." (p. 33)

- 5 Sabendo que Weber pressupõe certa parcialidade do cientista em relação ao objeto de estudo, isto é, um interesse próprio em nível de motivação, por que

razões ele considera parte de suas conclusões como provisórias? E, ainda, do que é capaz o cientista quando tem em mãos técnicas eficazes de análise?

6 Como Max Weber explica, neste passagem, o espírito do capitalismo?

"Tudo é feito em termos de balanço: a previsão inicial no começo da empresa, ou antes de qualquer decisão individual; o balanço final para verificação do lucro obtido. Por exemplo, a previsão inicial de uma transação por comenda (primeiras empresas de compra e venda surgidas na Idade Média) pode ser a constatação do valor monetário dos bens transacionados — enquanto esses não assumirem forma monetária — e o seu balanço final pode equivaler a uma distribuição do lucro ou das perdas ao término da operação. Na medida em que as operações são racionais, toda ação individual das partes é baseada em cálculo." (p. 5)

7 Ao definir a ação capitalista como "aquela que se baseia na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades possíveis de lucro" [p. 4], como Weber aplica seu conceito de ação social?

8 Weber afirma que o trabalho do cientista parte justamente de seu interesse pelo objeto de estudo e de sua visão particular sobre o assunto, opondo-se assim à objetividade e à neutralidade pregadas pelos positivistas franceses. Como isso idêntico aparece no trecho a seguir?

"Devemos desenvolver no curso da discussão, como seu resultado mais importante, a melhor formulação conceitual do que entendemos aqui por espírito do capitalismo, isto é, a melhor do ponto de vista que nos interessa. Este ponto de vista, ademais, não é, de modo algum, o único possível a partir do qual o fenômeno histórico que estamos investigando possa ser analisado." (p. 28)

9 Weber afirma que a ação social é uma ação com sentido, que orienta o comportamento de quem age. Observe a sua turma e procure descobrir o sentido da ação de algum colega nesse momento.

10 Vamos aplicar a metodologia de Weber na construção do tipo ideal. Procure diversos relatos — em livros, revistas ou jornais — sobre o mesmo acontecimento e procure defini-lo com base nos elementos comuns desses fontes.

11 De que maneira o protestantismo, segundo Weber, gera condutas adequadas ao capitalismo?

12 Que diferenças Weber estabelece entre as atitudes e as visões de mundo de católicos e protestantes?

13 Utilizando-se dos parâmetros demarcados por Weber para analisar a relação entre o calvinismo/protestantismo e o capitalismo, faça junto com a classe uma análise do Brasil tendo por base esses parâmetros, considerando-se o fato de nosso país ser majoritariamente católico.

— Aplicação de conceitos

14 Leia a notícia a seguir:

Joena, solteiro e ansioso para ver Alá

"O terrorista suicida islâmico se tornou a mais temida figura da sociedade israelense. Sua habilidade em disfarces é tanta que os 1,2 mil soldados convocados para garantir os pontos de ônibus de Jerusalém receberam ordens de ficar especialmente atentos quando virem alguém trajando uniforme do próprio Exército.

Acredita-se que os autores dos dois primeiros atentados a bomba, que iniciaram o mais recente ciclo de carnificina de civis no dia 25, estavam disfarçados de soldados. Um até usava brinco, muito em voga entre alguns jovens judeus.

Segundo um perfil elaborado por israelenses especialistas em segurança, os terroristas suicidas são na maioria solteiros, com idade entre 18 e 24 anos e de família pobre. Tendem a ser fanáticos no comprometimento e nas crenças. Suas motivações incluem o desejo de se igualar ao êxito de outros atacantes ou de vinggar ataques sofridos por suas famílias.

Clerigos do grupo Hamas desempenham importante papel em seu treinamento, repisando a promessa contida no Alcorão de que os mártires terão um Paraíso especial, no qual cada combatente tombado recebe 72 noivas virgens. Também dizem aos suicidas que vagas no Paraíso serão reservadas às suas famílias — que, na Terra, recebem a assistência de entidades beneficentes ligadas ao Hamas e à Jihad Islâmica.

Depois que um terrorista suicida de Gaza voou pelos ares, os parentes encontraram frequentes referências ao Paraíso em seus cadernos. Ele escreveu muito sobre seu desejo de morrer, de 'conhecer Deus como mártir e viver uma vida muito melhor do que esta'.

Segundo oficiais israelenses, a carga explosiva de alta potência é geralmente amarrada ao corpo e detonada por um dispositivo de tempo eletrônico. Os terroristas são levados com frequência para inspecionar os alvos de seus ataques. Homens solteiros são escolhidos para reduzir o risco de um suicida revelar um ataque ao dizer adeus à sua mulher.



Touha Hamoui, 27 anos, rezando na prisão de Sharon, em Israel, presa por tentar um ataque suicida, 2004.

Os autores dos atentados estudam muitas vezes em escolas mantidas por instituições de caridade e dirigidas pelo Hamas. No geral, antes de cada missão celebra-se uma sessão final na mesquita, onde o atacante é fortalecido pelos clérigos para sua missão. No Líbano, alguns também receberam drogas.

A chocante propensão dos jovens islâmicos ao sacrifício foi revelada segunda-feira em Al Fawwar, um campo de refugiados perto de Hebron, terra natal dos dois atacantes responsáveis pelas bombas em Jerusalém e Ashkelon. Os israelenses descobriram que, dos 5 mil moradores, 40 haviam se apresentado como voluntários para ser terroristas suicidas."

WALKER, Christopher. Jovem, solteiro e anônimo para ver Alá. In: *O Estado de São Paulo*, 1998.

Aplicando à análise do notícia o que aprendemos sobre a sociologia weberiana, responda:

- Qual é a ação social a que o notícia faz referência?
- Que valores induzem a ação do terrorista islâmico?
- Que motivos levam o terrorista islâmico a agir?
- Destaque os aspectos econômicos, políticos e psicológicos desse fenômeno.

15 Vídeo: Central do Brasil (Brasil, 1998. Direção: Walter Salles. Duração: 113 min) — Este filme, indicado para o Oscar de melhor filme estrangeiro, conta a história do envolvimento de Doró, mulher que escreve cartas para analfabetos no estócio Central do Brasil, com um menino de 9 anos, Josué, que perde a mãe. O filme mostra a vigem que ambos empreendem com a intenção de achar o pai do garoto.

- Discuta como é possível identificar nesse história o ideia de Weber o respeito do ação social e o que ele propõe como relação social.

Temas para debate

O esquema ideal

"Examinemos o esquema ideal que nos transmitem os escritos agrários de Roma. Encontramos o alojamento do 'instrumento falante', vale dizer, o estábulo de escravos, na mesma casa que o gado (instrumento semifalante). Ele é constituído pelo dormitório, uma enfermaria ou lazareto, uma prevenção (cárcere), uma oficina para os trabalhadores e de pronto se compõe ante nossos olhos uma visão muito familiar a todos os que vestiram uniforme: o quartel. E, com efeito, a vida do escravo é, normalmente, uma vida de quartel. Dorme e come em comum sob a vigilância do *villicus* a indumentária de tipo melhor é entregue a um 'guarda-roupa', cuidado pela mulher do inspetor (*villica*), que atua como suboficial de câmara, e mensalmente se faz uma revisão do vestuário. O trabalho é rigorosamente disciplinado, à moda militar.

as seções, sob o mando de um cabo, são formadas de manhã bem cedo, e partem sob a inspeção de capatazes. Isto era imprescindível. Produzir para o mercado por meio do trabalho servil não teria sido possível por muito tempo sem o emprego do látigo."

WEBER, Max. As causas sociais do declínio da cultura antiga. In: COHN, Gabriel (Org.), *Sociologia*, op. cit., p. 45.

Com base na definição weberiana de tipo ideal, responda:

- Weber fez a análise do escravo romano com base em seu conceito de tipo ideal. Esse esquema corresponde à realidade observada? Justifique.
- Qual a utilidade, para o cientista da formulação, desse esquema de sociedade escravista?

Crime organizado e crise institucional

"Tampouco deve-se entender a máfia como poder paralelo visto haver uma necessária conexão entre ela, a polícia e as instituições. Criminosos empresários relacionam-se com pessoas importantes, políticos, policiais, juizes. O conceito de anti-Estado é exagerado nesse sentido, pois o crime organizado está ligado ao poder oficial e é preciso estar atento às reviravoltas dessas redes fluidas dos personagens públicos e exteriores à organização criminosa que se imiscuem com ou se sobrepõem a ela.

Contudo, ainda segundo Salvatore Lupo, o crime organizado guarda muita coisa de sociedade secreta, com seus rituais iniciáticos. Por isso mesmo nega a cultura generalizada, tradicional e fechada; o iniciando torna-se novo ser, tábua rasa para receber o conhecimento e a ordem do grupo. A *omertà* é um dos lados da moeda, cujo outro lado é a subordinação à vontade da organização, ou seja, a *umiltà*. Como nas organizações maçônicas, no crime organizado o delator é chamado de infame e a organização está sempre pronta a matar ou denunciar os seus inimigos por cartas anônimas ou por vias secretas à polícia. Fazem regulamentos e estatutos, além de dispor de autoridades legislativas e tribunais que decidem e punem sem clemência. Na Itália, a ruptura só acontece em 1979 quando a máfia torna-se terrorista, assassinando juizes, políticos honestos, políticos corruptos, rompendo com seu passado prudente de mimetismo e acordos com o poder constituído. No Brasil, a publicação recente de documentos que continham o regulamento do Comando Vermelho, bem como a aplicação da pena máxima para quem ouse denunciar ou prejudicar os negócios das quadrilhas que controlam favelas e bairros pobres de várias cidades brasileiras, apontam na mesma direção. Não há mais como negar o que se torna cada vez mais evidente. E aqui também o desespero ou a bravata tem feito traficantes deixarem os limites protegidos pelos arranjos do poder para invadir o espa-

co urbano até pouco tempo respeitado. Teremos também formas de terrorismo já encontrados em outros países? As últimas atividades conjuntas do PCC e Comando Vermelho fazem crer que sim."

ZALUAR, Alba. *Crime organizado e crise institucional - Socialistas III: violência e sociedade*. São Paulo: Letras & Letras, 2003, p. 40.

- De que forma podemos perceber nesse texto a aplicação da metodologia weberiana para construção de um tipo ideal, neste caso o crime organizado, que se manifesta de forma particular em diferentes épocas e países?

Leituras complementares

Texto 1

[Motivo e sentido da ação social]

"[No raciocínio de Weber], o conceito de 'motivo' (...) permite estabelecer uma ponte entre sentido e compreensão. Do ponto de vista do agente, o motivo é o fundamento da ação; para o sociólogo, cuja tarefa é compreender essa ação, a reconstrução do motivo é fundamental, porque, da sua perspectiva, ele figura como a causa da ação. Numerosas distinções podem ser estabelecidas aqui, e Weber realmente o faz. No entanto, apenas interessa assinalar que, quando se fala de sentido na sua acepção mais importante para a análise, não se está cogitando da gênese da ação mas sim daquilo para o que ela aponta, para o objetivo visado nela; para o seu fim, em suma.

Isso sugere que o sentido tem muito a ver com o modo como se encadeia o processo de ação, tomando-se a ação efetiva dada de sentido como um meio para alcançar um fim, justamente aquele subjetivamente visado pelo agente. Convém salientar que a ação social não é um ato isolado mas um processo, no qual se percorre uma sequência definida de elos significativos (admitindo-se que não haja interferência alguma de elementos não pertencentes à ação em tela, o que jamais ocorre na experiência empírica e só é pensável em termos típicos-ideais). Basta pensar em qual-quer ação social (por exemplo, despachar uma carta) para visualizar isso. Os elementos desse processo articulam-se naquilo que Weber chama de 'cadeia motivacional': cada ato parcial realizado no processo opera como fundamento do ato seguinte, até completar-se a sequência."

WEBER, Max. *As causas sociais do declínio da cultura antiga*. In: COHN, Gabriel (org.), *Sociologia*, op. cit. p. 27.

Entender o texto

- Com base no texto, sintetize o pensamento de Weber sobre motivo, elaborando uma frase que relacione motivo e ação social.

Texto 2

A ciência como vocação

"O progresso científico é um fragmento, o mais importante indubitavelmente, do processo de intelectualização a que estamos submetidos desde milênios e relativamente ao qual algumas pessoas adotam, em nossos dias, posição estranhamente negativa.

Tentemos, de início, perceber claramente o que significa, na prática, essa racionalização intelectualista que devemos à ciência e à técnica científica. Significará, por acaso, que todos os que estão reunidos nesta sala possuem, a respeito das respectivas condições de vida, conhecimento de nível superior ao que um hindu ou um hoteleiro poderiam alcançar acerca de suas próprias condições de vida? É pouco provável. Aquêle, dentre nós, que entra num trem não tem noção alguma do mecanismo que permite ao veículo pôr-se em marcha — exceto se for um físico de profissão. Aliás, não temos necessidade de conhecer aquele mecanismo. Basta-nos poder "contar" com o trem e orientar, conseqüentemente, nosso comportamento; mas não sabemos como se constrói aquela máquina que tem condições de deslizar. O selvagem, ao contrário, conhece, de maneira incomparavelmente melhor, os instrumentos de que se utiliza. Ele seria capaz de garantir que todos ou quase todos os meus colegas economistas, acaso presentes nesta sala, dariam respostas diferentes à pergunta: como explicar que, utilizando a mesma soma de dinheiro, ora se possa adquirir grande soma de coisas e ora uma quantidade mínima? O selvagem, contudo, sabe perfeitamente como agir para obter o alimento quotidiano e conhece os meios capazes de favorecer-lo em seu propósito. A intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos. Significam, antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, bastando que o quiséssemos, provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra, que podemos dominar tudo, por meio da previsão. Equivale isso a despojar de magia o mundo. Para nós não mais se trata, como para o selvagem que acredita na existência daqueles poderes, de apelar a meios mágicos para dominar os espíritos ou exorcizá-los, mas de recorrer à técnica e à previsão. Tal é a significação essencial da intelectualização."

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 30-31.

Entender o texto

- Nesse texto Weber decodifica o significado de intelectualização. Explique esse conceito sintetizando a sua compreensão dos ideais de Weber em um texto de três a quatro linhas.